



TEORIAS DA TRADUÇÃO E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Sanderson Mendanha Peixoto¹,
Barbra Sabota²

¹Aluno Mestrando do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias/MIELT/UEG,

² Pós -Doutora em Linguística Aplicada pela UNB, 2013. Professora do MielT naUnUCSEH/ UEG desde 2012.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Teorias. Ensino.

INTRODUÇÃO

O referido estudo é um recorte da revisão teórica de minha dissertação de Mestrado, cujo título é *O uso da tradução automática e o ensino de língua inglesa como língua estrangeira: contribuições e limitações de softwares tradutórios numa perspectiva colaborativa de aprendizagem*, e será defendida em fevereiro de 2016.

As apreciações sobre tradução demonstram que, de acordo com uma abordagem estritamente linguística, tal atividade consistiria em transferir o sentido expresso num conjunto de signos da linguagem para outro conjunto de signos linguísticos por intermédio do recurso competente ao dicionário e à gramática; todavia, o processo envolve também um vasto conjunto de critérios extralinguísticos. (BASSNETT, 2003; OUTSINOFF; 2011; VENUTI, 1995; WEISSBORT, 1989)

Partindo desta premissa, tem-se, na perspectiva do ensino de língua inglesa como língua estrangeira, que a compreensão das teorias da tradução e sua contextualização histórica e cultural é uma forma de adquirir consciência sobre as relações estabelecidas entre os signos e seus usuários em reais situações de fala, escrita e aprendizagem, compreendendo, pois, questões pertinentes à comunicação pela tradução, tais quais, o sujeito que traduz e as ideologias envolvidas. (WIDDOWSON, 1984).



Estudos realizados por Catford (1965), Venuti (1995), Leonardi (2009), Petrocchi (2006), Balboni (2011), Barbosa (1990) e Bez (2011) apresentam, destarte, a tradução enquanto uma atividade comunicativa, que dá oportunidade à distintas utilizações, como ensinar a traduzir, melhorar o conhecimento acerca da própria língua e da língua estrangeira, por meio de verificações comparativas, aperfeiçoando os mecanismos de leitura e interpretação.

Com o intuito de mostrar que a tradução pode ser usada em sala de aula, de modo a tornar os alunos mais participativos e ativos, no processo de construção do conhecimento, tornando-a uma ferramenta pedagógica que seja apta a intercambiar momentos de reflexão, contraste e compreensão das manifestações linguísticas e sociais de uma sociedade, é cediço, nesta pesquisa, que o aprendiz de um novo idioma seja capaz de entender aspectos semânticos e obter uma visão crítica de língua, quando há uma real preparação do docente, para atuar em sala de aula, fazendo uso da tradução.

MATERIALE MÉTODO

Através de uma revisão bibliográfica, a discussão aqui perpetrada ressalta que as análises sobre as teorias da tradução auxiliam o professor no melhor planejamento da sua aula, mostrando que tal atividade deve ser revestida de um contexto de aprendizagem, em que o aprendiz não apenas traduz palavras e sentenças, mas reflete de modo crítico acerca do seu próprio idioma. (SOUZA, 1998).

A pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, pois, na esteira de André e Ludke (1986), ganha substancial importância, neste aspecto de conscientização da importância do conhecimento da própria língua, por meio do estudo de uma língua estrangeira, a medida que o pesquisador centra suas investigações na compreensão do mundo real, centrando sua atenção no caráter hermenêutico na missão de pesquisar acerca das experiências vivenciadas pelos indivíduos.

RESULTADOS PARCIAIS

Os estudos acerca das teorias da tradução e sua utilização no ensino de inglês como LE, nos mostram que a polissemia do termo tradução, visto que pode se referir ao produto da tradução, o processo do ato de traduzir, ao trabalho do tradutor e mesmo a disciplina que se estuda, torna esta atividade bastante diversificada. (SOUZA, 1998)



Neste sentido, pensa-se que, ao fazer opção pelo uso da tradução em sala de aula, o professor tenha em mente que as línguas sejam capazes de decifrar as experiências da realidade e, ao associar o conjunto total dos fatos linguísticos que não torna inválida a premissa da universalidade da linguagem e da comunicação humana, passa a entender que o pensamento e as línguas, apresentam, de modo subjacente, mais similaridades do que divergências, o que torna totalmente possível a comunicação entre as pessoas. (SOUZA, 1998; JAKOBSON, 1959; ARROJO, 1986; BARBOSA, 1990; CATFORD, 1965).

Em vista destas considerações, Jakobson (1959) apresenta três tipos de tradução, senão vejamos:

- *Tradução intralinguística ou reformulação*: percepção de signos verbais através de outros signos da mesma língua.
- *Tradução interlinguística ou tradução* propriamente dita: uma interpretação de signos verbais por intermédio de outra língua. (é o que ocorre, por exemplo, na tradução do inglês para o português e vice-versa).
- *Tradução intersemiótica ou transmutação*: uma interpretação de signos verbais através de signos de sistemas não verbais.

Face a estas considerações acerca dos tipos de tradução que temos, e pensando na perspectiva do ensino de inglês como língua estrangeira, temos que a utilização da mesma, numa abordagem pedagógica, insere, no âmbito da sala de aula, o elemento da interpretação criativa que faz com que o aluno sempre se veja na constante negociação de sentidos que envolve a compreensão de um texto e constante diálogo entre autor, texto e leitor. O aprendiz passa a perceber que acepção de um enunciado não está totalmente nem em quem o produz, nem totalmente no texto, nem totalmente no leitor. A tradução, pois, permitirá uma negociação entre todas as partes envolvidas numa situação de comunicação.

CONCLUSÃO

As análises aqui evidenciadas acerca das teorias da tradução, com foco na sua utilização para o ensino de língua inglesa, como língua estrangeira demonstram, conforme Bassnett(2003), Leonardi (2009), Jakobson (2003); Barbosa (1990) e Bez (2011) e Lewis



(1997) que não se pode evitar que os aprendizes usem a tradução e a língua materna como um dos meios de aprendizagem de línguas e cabe ao professor engendrar esforços para explorar esta vantagem no processo de ensino, ao invés de censurá-la. Assim, a tradução ganha um escopo de transferência de habilidades da língua materna do aluno, em vez de ser vista somente com sentido de interferência.

Ao investigar a tradução com foco na sua utilização em sala de aula, na condição de instrumento pedagógico, no ensino de inglês como língua estrangeira, tem-se que uma língua não pode existir se não estiver inserida no contexto de uma cultura e uma cultura não pode existir, se não tiver no seu centro a estrutura de uma língua natural. (BASSNETT, 2003; LEONARDI, 2009; JAKOBSON, 2003; BARBOSA, 1990; BEZ, 2011).

Quando o professor deixa claro, em sala de aula, que nenhum par de idiomas é totalmente semelhante, de modo que se possa almejá-los como representantes da mesma realidade social, a atividade tradutória passa a ser enxergada como uma quinta habilidade, e o ensino da língua inglesa como língua estrangeira passa a estabelecer uma perspectiva cultural, auxiliando na identificação de deficiências na aprendizagem que podem ser motivadas por aspectos culturais das línguas. (BRANCO, 2009).

Mounin (1963) dialoga com Bassnett (2003) e Jakobson (2003), na medida em que os referidos autores compreendem a tradução como uma série de operações das quais o ponto de partida e o produto final são significações que funcionam dentro de uma dada cultura. Ainda que Jakobson (2003) e Bassnett (1959) reportem-se mais acerca da descodificação e recodificação da língua, argumentando que a tradução é somente uma interpretação adequada de uma unidade de código, Branco (2009) obtempera, já sob o crivo da aprendizagem de língua inglesa, que as referidas práticas podem ser dinamizadas para se apresentar especificidades das línguas materna e estrangeira e, paulatinamente, fazer com que o aprendiz perceba que não é possível haver similaridade total entre as línguas.

Trata-se de uma perspectiva de comparação que é apta a enriquecer o processo ensino-aprendizagem, visto que o aluno passa a entender as línguas como sistemas de relações interdependentes.

REFERÊNCIAS

ARROJO, R. *Oficina da tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

BALBONI, Paolo E. *A tradução no ensino de línguas: história de uma difamação*. Revista Intraduções, v. 4, n. 1. Tradução de Maria Teresa Arrigoni. Florianópolis, Universidade Federal



de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/intraduções/edicao_4/Traducao01REVISADA.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2014.

BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.

BEZ, A. S. Tradução: palavras (des) construídas e in (acabadas). *ReVEL*, v.9, n. 16, 2011. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_16_traducao.pdf. Acesso em 29 dez. 2014.

BRANCO, Sinara de Oliveira. Teorias da tradução e o ensino de língua estrangeira. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 2, p. 185-199, 2009.

BASSNETT, Susan. *Estudos da tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CATFORD, J.C. *A linguistic theory of translation*. Oxford: Oxford University Press, 1965.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2003.

LEWIS, M. *Implementing the lexical approach: putting theory into practice*. London: LTP, 1997.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MOUNIN, G. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1963.

OUTSTINOFF, M. *Tradução: história, teorias e métodos*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, José Pinheiro de. *Tradução e ensino de línguas*. Revista do Gelne, Ano 1, vol.1, 1998, p. 141 a 151. Disponível em: Disponível em: <http://www.gelne.ufc.br/revista_anol_nol_27.pdf>

VENUTI, L. Introduction. In: _____ (Org.). *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. London/New York: Routledge, 1995.

[WEISSBORT, Daniel. *Translating poetry: The double Labyrinth*, 1989.](#)

WIDDOWSON, H. G. *O ensino de línguas para a comunicação*. Campinas, SP: Pontes. Tradução de J. Carlos P. Almeida, 1984.